

**NARRATIVAS SOBRE A ESCOLA NOSSA SENHORA DE FATIMA NO CENARIO
EDUCACIONAL DA PRINCESA DA BAIXADA: MEMORIAS DE UMA ESCOLA
DOMESTICA NA DÉCADA DE 1970**

Violeta Cristina Soares Moraes¹

violeta7cristina@gmail.com

RESUMO: No período republicano o cenário educacional maranhense configurava-se com um conjunto de escolas graduadas, mistas e escolas domésticas. Essas escolas tinham como características as poucas condições físicas e pedagógicas. Na baixada maranhense prevaleciam às escolas domésticas, visto as condições de pobreza e distância em relação a capital do Estado. Assim, estas escolas consideradas sem estrutura e com poucas condições pedagógicas supriram em parte as carências por estabelecimentos de ensino naquele contexto sócio-histórico-cultural que era desprovido de aparato social, com quantitativo inexpressivo de professores habilitados e inexistência de políticas estatais que fornecessem subsídios aos alunos de classes populares. Autores como Faria Filho (2006) e Souza (2007) associavam estas escolas a pardieiros, lugares insalubres e superlotados. Com mobiliário desconfortável e ausência de sistematização de práticas pedagógicas, no entanto essas eram as disponíveis para a população baixadeira. Naquele momento histórico a cidade apresentava um conjunto de escolas domésticas ou isoladas. Dentre elas destacavam-se inicialmente a Escola Doméstica Nossa Senhora de Fátima era considerada uma das mais importantes por ser uma das mais antigas e respeitadas da localidade, pelos métodos de ensino e pela rigidez das práticas de disciplinamento dos alunos. A Escola Nossa Senhora de Fátima iniciou seu funcionamento no ano de 1923. Tinha como proprietária e docente a professora Judith Bastos Reis (1902 - 1985). O estudo em questão faz parte dos primeiros levantamentos e escritos do projeto de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Maranhão que tem como título provisório “AS ESCOLAS DOMÉSTICAS NO CONTEXTO DA CONSTITUIÇÃO DO CAMPO EDUCACIONAL DA PRINCESA DA BAIXADA (1960-1980): saberes, práticas e sujeitos”. Diante disso, o objetivo desta comunicação é conhecer por meio de narrativas de ex-alunos da escola Nossa Senhora de Fatima a história o estabelecimento e algumas de suas práticas cotidianas. **Palavras-chave:** Escolas domesticas; Educação Maranhense; Princesa da Baixada

¹ Mestra em Educação pela Universidade Federal do Maranhão UFMA.

No período republicano o cenário educacional maranhense configurava-se com um conjunto de escolas graduadas, mistas e escolas domésticas (MOTTA, 2003). Essas escolas tinham como características as poucas condições físicas e pedagógicas. Na Baixada maranhense prevaleciam às escolas domésticas, visto as condições de pobreza e distância em relação a capital do Estado.

Assim, estas escolas consideradas sem estrutura e com poucas condições pedagógicas supriram em parte as carências por estabelecimentos de ensino naquele contexto sócio-histórico-cultural que era desprovido de aparato social, com quantitativo inexpressivo de professores habilitados e inexistência de políticas estatais que fornecessem subsídios aos alunos de classes populares.

Autores como Faria Filho (2006) e Souza (2007) associavam estas escolas a pardieiros, lugares insalubres e superlotados. Com mobiliário desconfortável e ausência de sistematização de práticas pedagógicas, no entanto essas eram as disponíveis para a população baixadeira.

Ainda que isolada dentro da imensidão espacial e cultural, alheia e hostil, competia às cidades dominar e civilizar o seu contorno, o que primeiro se chamou "evangelizar" e depois "educar". (*Rama, 1985, p.36 apud, Faria Filho*)

Neste contexto, encontra-se a cidade de Pinheiro- MA. Esta localidade foi fundada no ano de 1856 por Inácio José Pinheiro (1755-1820). Em virtude de possuir belezas naturais exuberantes e estar localizada na região dos campos e alagados, além do desenvolvimento intenso no início do Século XX, a mesma foi denominada Princesa da Baixada.

Naquele momento histórico a citada cidade apresentava um conjunto de escolas domésticas ou isoladas. Dentre elas destacavam-se inicialmente a Escola Doméstica Nossa Senhora de Fátima era considerada uma das mais importantes por ser uma das mais antigas e respeitadas da localidade, pelos métodos de ensino e pela rigidez das práticas de disciplinamento dos alunos.

A Escola Nossa Senhora de Fátima iniciou seu funcionamento no ano de 1923. Tinha como proprietária e docente a professora Judith Bastos Reis (1902 - 1985). A referida professora iniciou suas atividades na escola citada que teve sua gênese no povoamento denominado Refugio, sendo este pertencente à Comarca de Pinheiro, transferindo-se no ano

de 1953 por motivo de doença para a Rua Rosa Salles, nº 15, Bairro Matriz também na cidade de Pinheiro - MA.

A professora Judith Reis não frequentou Escola Normal e nenhuma outra forma de habilitação para exercício do magistério. Entretanto, a mesma era adepta de práticas de leitura e escrita constantes e dedicação ao mundo intelectual. Reconhecida por mesclar práticas de ensino dos saberes de leitura, escrita e cálculo as atividades domésticas e formação cidadã e religiosa. Sua escola “desemburrou” diversas crianças durante as décadas de sua existência. O reconhecimento da população motivou as autoridades à criação no ano de 2000 da Escola Municipal Judite Reis no povoado Refúgio por meio de lei municipal.

Coexistiam juntamente com a escola acima citada a escola doméstica de Dona Oneide que também desenvolvia ações educativas em sua residência e concorriam em práticas de alfabetização e ‘desemburramento’ com as escolas das Irmãs Carreiras.

É relevante enfatizar que neste momento histórico existiam apenas duas escolas tidas como oficiais, a saber: Grupo Escolar Odorico Mendes e Grupo Escolar Elizabeto Barbosa de Carvalho. No entanto, ambas não conseguiam comportar todos os alunos com idade devida para a escolarização.

Sendo assim, elegemos como objeto de estudo a escola em questão por acreditarmos que precisamos interiorizar os estudos em História da Educação no Maranhão, visto os demais centrarem-se em temáticas que privilegiam como espaço de investigação a realidade ludovicense. Além disso, buscaremos dar evidência aos sujeitos excluídos pela História Oficial e que contribuíram para a formação educacional da população. Outro motivo de ordem pessoal foi a relação da pesquisadora com a escola e sua professora, tendo em vista a proponente ser sobrinha neta da mesma e terem compartilhado momentos intensos nesta escola.

Acreditamos que este estudo poderá reconstruir a trajetória destes escolas e a memória acerca delas, dos seus sujeitos da escolarização, saberes e práticas educativas

No início da república, a educação passa a ser entendida como instrumento de enfrentamento das questões sociais e dos problemas de atraso e pobreza da população. Seria através da escola o alcance da erradicação dos males que assolavam a nação e a construção do progresso tão conclamado pelo discurso republicano, progresso este que viria acompanhado

de uma sociedade mais disciplinada, saudável e com maior potencial produtivo, aspectos estes necessários à modernização (NORONHA, 1996).

Apesar de todo discurso em prol da escolarização das massas, durante a Primeira República (1890-1930) continuou o descaso do poder público com a educação, desde a sua organização até o funcionamento mínimo de espaços de instrução. Nesse histórico, a educação era perpassava uma situação de descaso e tanto os professores como alunos não conseguiam ter a atenção devida pelo poder estatal, impossibilitando, assim, a concretização de uma educação condizente com as exigências de emergência da nação a patamares de desenvolvimento.

Assim, neste momento emergem no Estado do Maranhão diversas escolas domésticas que, na visão de Faria Filho (2000), eram espaços nada condizentes com as exigências educacionais daquele momento histórico. Os docentes não possuíam formação condizente e as salas de aula eram os espaços do lar. O fato de funcionarem em espaços domésticos não aproximavam os alunos muitas vezes da possibilidade de aprendizagem. As escolas não possuíam investimento do poder estatal e seguiam métodos permeados de improviso e assistemáticos.

De todas as reformas que a educação primária, destinada às camadas mais pobres da população, sofrera até então, esta talvez tenha sido a mais importante. Será esta mudança de lugar, físico e simbólico, que permitirá a construção de uma primeira cultura escolar entre nós e, no interior desta, uma discussão específica sobre o conhecimento escolarizado.

As escolas, em sua maioria, não possuíam condições materiais adequadas, além da falta de acompanhamento, inspeção nada atuante, precariedade de material pedagógico e carência de professores preparados para o exercício da docência, impossibilitando, assim, a concretização de uma educação condizente com as exigências de emergência da nação a patamares de desenvolvimento (PESSOA, 2013).

O autor ainda enfatiza que “Esse panorama político-educacional demonstrou a necessidade do engajamento dos intelectuais e políticos da época na implantação de melhorias urgentes que viabilizassem a desconstrução do caos educacional ocasionado pela volubilidade da República no Maranhão” (PESSOA, 2013, p. 49).

Dessa maneira, no cenário educacional Pinheirense, visualizamos diversas escolas que não se diferenciavam das demais e que apresentavam as condições desfavoráveis para a

prática educativa. Eram dezenas delas que funcionavam em condições inóspitas e pouco arejadas, no entanto, eram as únicas oferecidas à comunidade por meio de iniciativas isoladas.

Segundo Motta (2006) citado por Pessoa (2013), apesar da predominância de escolas isoladas na realidade educacional maranhense, já havia sido instituído desde o primeiro decênio do século XX o modelo de Escola Graduada ou Grupo Escolar. Convém registrar que sua ascensão ocorre num momento em que a manutenção das escolas existentes era problemática e precária. Além disso, não existiam escolas normais que formassem docentes para a melhoria das condições educacionais da Baixada Maranhense.

A autora Pavão (2012) enfatizou que estas escolas representaram o processo de escolarização realizado em discordância com o discurso nacionalista na medida em que não oferece uma educação modernizadora oportunizando apenas saberes elementares incoerentes com as demandas sociais. De todas as reformas que a educação primária, destinada às camadas mais pobres da população, sofrera até então, esta talvez tenha sido a mais importante. Será esta mudança de lugar, físico e simbólico, que permitirá a construção de uma primeira cultura escolar entre nós e, no interior desta, uma discussão específica sobre o conhecimento escolarizado.

Este trabalho caracteriza-se como pesquisa Histórica, pois visa resgatar a memória de uma escola doméstica localizada no interior do Maranhão, em especial na cidade de Pinheiro, tendo como temporalidade o início do século XX até segunda metade do século em questão. Assim, faz-se necessário entendermos a concepção teórico-metodológica que orientará tal estudo.

A concepção que norteará esta investigação será a perspectiva da História Cultural, pois na visão de Chartier (1996) este paradigma possibilita ao pesquisador alargar o conceito de fontes históricas por meio da desconstrução da centralidade das fontes oficiais

direcionando o estudioso a mergulhar nas memórias de sujeitos ocultados pelo discurso oficial.

Esta visão auxilia o investigador a reconstruir a História por meio de um itinerário que valorize as práticas que se dão no interior das escolas que precisam ter seu passado edificado por meio de uma arqueologia do saber: Na visão de Le Goff (1996), o passado é uma

construção e uma reinterpretação constante, e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história).

A partir dessa concepção, elegemos procedimentos metodológicos para alcançarmos nossos objetivos de pesquisa:

- Inicialmente realizaremos a pesquisa bibliográfica na perspectiva de orientar-nos acerca das fundamentações presentes no objeto de estudo, sendo os principais autores os seguintes;
- Logo em seguida faremos a pesquisa documental tendo como objetivo mergulharmos nas práticas educativas dos estabelecimentos pesquisados por meio de livros; diários de bordo da professora; cartilhas, cadernos de alunos; tabuadas, portarias e regimentos das políticas educacionais deste momento histórico;
- Mais adiante iremos entrevistar algumas pessoas que diretamente conviveram no contexto das escolas pesquisadas, tendo como finalidade caracterizar os saberes e práticas educativas engendradas na escola em questão. Serão priorizados ex-alunos e familiares, sem esquecer-se de algumas outras pessoas que mesmo não pertencendo aos grupos já evidenciados, conviveram diretamente nesta escola investigada.

Assim, acreditamos que esta pesquisa venha contribuir com a descentralização dos estudos sobre a História da Educação primária na Princesa da baixada e as contribuições das escolas domésticas nesse processo. Além disso, resgatará a História das iniciativas de escolarização desenvolvidas na cidade de Pinheiro - MA.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa. DFEL, 1996. **Estudos Avançados**, vol. 5, nº 11, jan./abr. 1991, p. 173-191.

COSTA, Diulinda Pavão. **O Cenário Educacional da Princesa da Baixada (1920-1960)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2012.

FARIA FILHO, L. M. **Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e cultura urbana em Belo Horizonte na Primeira República**. Passo Fundo: UFP, 2000.

LE GOFF, Jacques, **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

MOTTA, Diomar das Graças. **As mulheres na Política Educacional Maranhense**. EDUFMA: São Luís, 2003.

NORONHA, Olinda. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Ática, 1996.

PESSOA, Claudeilson Pinheiro. **O Cenário Educacional Vimarense e suas práticas educativas (1855-1955): das escolas isoladas ao Grupo Escolar Dr. Urbano Santos**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís 2012.

SOUZA, R. S. Espaço de Educação e da Civilização: Origens dos Grupos Escolares no Brasil. IN: SOUZA, R. S. Et al. História da Educação: A Constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, 2007.